

A AGROECOLOGIA, UM DESAFIO PARA PEQUENOS AGRICULTORES DO SENEGAL

Marie Thérèse Yaba N'Diaye¹

INTRODUCAO: Agroecologia, uma nova visão da relação Sociedade/Natureza

As recentes crises ambientais afetando indistintamente países ricos e pobres têm ampliado as discussões e críticas sobre modelos de desenvolvimento, embasados na exploração pura e simples dos recursos naturais. Na Europa, já no final do século XX, surgiram movimentos com consciência ecológica para o uso racional dos elementos da natureza, se opondo ao modelo produtivista. Apesar dos variados princípios filosóficos que caracterizam estes movimentos, há um consenso na redução dos riscos na agricultura e na busca de um modelo de desenvolvimento mais eqüitativo. A agroecologia se apresenta, portanto, como o tronco principal das correntes alternativas da agricultura. Ela traz uma nova abordagem de agricultura que tenta incorporar, além dos aspectos técnicos, idéias sobre organização social, estrutura econômica e valores culturais numa visão abrangente. De fato, começou-se a enfatizar que as relações sociais de produção deveriam ser consideradas da mesma intensidade que os aspectos agrônômicos. Os ganhos produtivos deixam de ser a principal preocupação. Entender a lógica dos agricultores, no uso e no manejo de seus recursos naturais, virou também assunto de interesse para os novos paradigmas de desenvolvimento. Pode-se dizer que estabelece-se uma relação entre o Homem e a Natureza que implica o abandono de uma moral utilitarista e individualista, introduzida no continente africano por diversos processos históricos.

A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamentos de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis (Altieri, 1987).

¹ Doutoranda no CPDA/UFRRJ, Brasil, mathyaba@yahoo.fr

DESENVOLVIMENTO: A agroecologia no contexto senegalês

As antigas sociedades africanas foram na sua maioria populações rurais cuja subsistência dependia da terra, sendo caçadores, coletores, pastoris ou agricultores. No caso específico do Senegal, a sua vulnerabilidade ecológica e acentuada por fatores desfavoráveis a agricultura: clima caracterizado por uma irregular pluviometria e solos pouco férteis. Portanto o sistema de pousio dos solos durante um período de 15 à 25 anos era a principal exigência para atividade agrícola.

Todavia as sociedades agrárias souberam implementar instituições sociais atentas a proteger seu meio ambiente preservando um equilíbrio entre as necessidades da produção, a crescente demografia e os imperativos políticos (Coquery-Vidrovitch, 1995). Ao longo de gerações, estas instituições estabeleceram um controle sócio-cultural quanto o acesso e ao uso dos recursos naturais. A função da produção agrícola não se resolvia somente na manutenção fisiológica da comunidade. Da mesma forma, a natureza não teria apenas utilidade para produção econômica de bens e serviços, ela possui também uma função social. As formas de organização social, os sistemas de crenças e as atividades de subsistência foram associados aos elementos da Natureza. Os modos de vida das populações agrárias foram também relacionados com sua ecologia, esta relação sendo de integração não de dominação.

Apesar da penetração no Senegal, do Islã no século 11 e do Cristianismo no século 19, tem ainda alguns grupos étnicos tais “sérère”, “diola”, “bassari”, “mancagne” que mantiveram suas crenças religiosas nativas que de fato são inseparáveis a práticas agrícolas. Rituais acompanham a atividade agrícola desde a escolha da terra até a colheita. De fato, as rituais agrárias visam a reforçar a harmonia entre o mundo real e o mundo dos deuses, para a proteção de toda comunidade, e para assegurar uma boa produção agrícola. Para estes grupos, não existe uma oposição entre Natureza e Cultura, estes nunca foram dois elementos distintos, mas integrados. A sustentabilidade é percebida a partir de uma forma de organização social que preserve a diversidade dos conhecimentos locais, que proteja os recursos naturais e estimula as interações entre o homem e o meio ambiente.

A introdução de culturas de exportação (amendoim, algodão) durante o período colonial modificou as estratégias locais de exploração dos recursos naturais. Os agricultores passaram a satisfazer as necessidades das indústrias europeias ao detrimento de sua segurança alimentar. Para atingir produtividades altas, serviços de extensão foram criados para iniciar os agricultores ao uso intensivo da terra e de insumos tais que fertilizantes sintéticos e maquinários. Subsídios e exoneração de impostos foram os principais mecanismos financeiros para encorajar os agricultores à se investir em culturas de exportação.

Entretanto, atualmente as exportações não estão criando tantas riquezas com esperado, para adquirir produtos de consumo importados. De um lado, o Senegal está enfrentando uma redução da produção agrícola devido aos métodos de produção inapropriados, a influências das variações climáticas e a outros fatores sócio-políticos. Os fenômenos da degradação dos solos e da dependência crescente dos agricultores em insumos externos se acentuaram. No outro lado, o modelo produtivista revelou-se limitado para promover um desenvolvimento equânime e sustentável. As inovações tecnológicas não se tornaram disponíveis aos agricultores pequenos ou pobres em termos favoráveis, nem se adequaram as suas condições agroecológicas e sócio-econômicas (Chambers et al, 1985). O atual desafio destes últimos é então implementar um modelo de desenvolvimento alternativo que permite a produção de alimentos em quantidade e qualidade para a crescente população, valorizando portanto as escolhas e as iniciativas individuais. As liberdades dos indivíduos de levar o tipo de vida que eles valorizam são elementos constitutivos básicos no processo de desenvolvimento (Sen, 2000). A abordagem da agroecologia se propõe então de valorizar estas especificidades sócio-culturais dos agricultores.

Para as sociedades senegalesas já referidas, a agroecologia não seria apenas uma nova mudança tecnológica que encoraja uma substituição de insumos químicos a insumos naturais. Ela constitui um resgate científico dos conhecimentos das populações tradicionais para desenvolver sistemas agrícolas com uma dependência mínima a insumos externos. Os conhecimentos tradicionais julgados arcaicos, que não se enquadravam na

lógica ocidental, poderiam voltar a ser resgatados. Como salienta Toledo (1985), o conhecimento camponês sobre os ecossistemas geralmente resulta em estratégias produtivas multidimensionais de uso da terra, que criam dentro de certos limites, ecológicos, étnicos, a auto-suficiência alimentar das comunidades em determinadas regiões.

O fato de a agroecologia recorrer a elementos sócio-histórico-culturais introduz elementos diferenciados na discussão sobre “desenvolvimento” baseado no conhecimento formalizado e numa forma de desenvolvimento única. Isto é uma ruptura com a noção de um saber superior dissociado dos valores culturais e da própria influência do senso comum. A agroecologia apresenta-se então como a base científico-tecnológica e um instrumento de desenvolvimento para milhares de pequenos agricultores marginalizados no processo da modernização da agricultura.

CONCLUSÕES

No Senegal, os conhecimentos tradicionais sobre a natureza guardaram todo sentido nas populações agrícolas porque a sobrevivência depende largamente do uso dos recursos naturais. A mesma realidade pode ser encontrado em varias partes da África. Através vários processos históricos, estes conhecimentos variados foram “relegados” para implementar sistemas de produção uniformes. A abordagem da agroecologia traz hoje alternativas para o resgate e a preservação dos modos ancestrais africanos de gestão de recursos naturais.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALTIERI, M.A. Agroecology: the Scientific Basis of Alternative Agriculture. Boulder: Westview Press, 1987

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. Sociétés Africaines et Diaspora, n^o1, Mars 1996

CHAMBERS,R;GUILDYAL,B.P. Agricultural Research for Resource-poor farmers: the Farmer first and last. Agri Admin.,v20,p1-30, 1985

TOLEDO,V.M; CARABIAS,J; MAPES,C; TOLEDO,C. Ecologia y Autosuficiencia alimentaria. México: Siglo Veintiuno, 1985

SEN, Amartya. Desenvolvimento com Liberdade, Companhia das Letras, 2000